

Com. Brasil

Juros caem e aumenta o consumo

18 MAR 1993

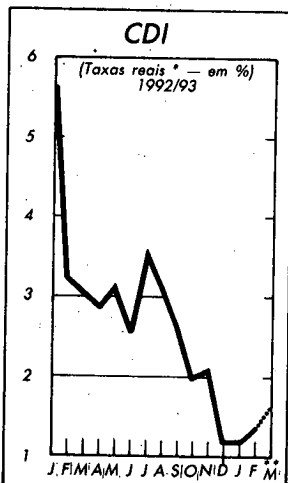
GAZETA MERCANTIL

por Cláudia de Souza
de São Paulo

A economia dá sinais de ter deixado para trás a fase mais aguda da recessão, ainda que seu novo fôlego possa vir a ser curto. A melhora dos negócios, que vem sendo detectada desde o segundo semestre do ano passado, continuou com aumentos de produção e de vendas nos primeiros dois meses e meio deste ano.

Trata-se de uma recuperação claramente induzida pelo governo. Sua origem está no comportamento da taxa real de juro, que caiu consistentemente nos últimos meses (ver gráfico). "De todas as teclas em que o presidente Itamar insistiu após assumir o governo, a mais constante não foi a dos remédios ou do Fusca mas a de que os juros estavam altos. As pessoas foram aumentando estoques, comprando ativos reais", lembra um respeitado economista, ex-diretor do Banco Central hoje no mercado financeiro.

Há indícios de expansão



Fonte: Centro de Informações da Gazeta Mercantil.
* Sobre dólar comercial de venda
.. Projeção.

desde outubro, numa tendência que continua consistente, com alta nas bolsas e aumento de produção. Salários reais mais altos, em consequência da retomada dos negócios, e uma política fiscal do governo também expansionista — com 15% de aumento real, em dólar, nos benefícios distribuídos

pela Previdência — certamente contribuíram para que a expansão do consumo e da poupança tenha se estendido até agora. "A variável mais importante é a taxa de juro", insiste o mesmo especialista.

Em fevereiro, os depósitos nas cadernetas de poupança cresceram 9,08%. É o melhor resultado desde dezembro de 1991. Na primeira semana do mês, quando costumeiramente aumentam os saques, houve um crescimento de 1,85%, segundo relata o repórter Flávio Ribeiro de Castro.

O volume de ativos financeiros como um todo está em expansão. A liquidez da economia, medida pelo M4 (passivo dos intermediários financeiros mais encaixes em papel-moeda) cresceu de 15,9% do PIB em dezembro de 1991 para 24,4% em novembro de 1992, voltando aos níveis anteriores ao governo Collor.

A recuperação ainda afeta empresas e setores de forma desigual, mas há exemplos em toda a cadeia produtiva. Vendeu-se mais em janeiro e fevereiro desde insumos como herbicidas e poliestireno, usado na fabricação de aparelhos de refrigeração e eletroeletrônicos, até alimentos, passando por embalagens, produtos têxteis e material de construção. Desde 1986 a indústria não vendia tantos automóveis no mês de fevereiro. Em janeiro e fevereiro, a indústria de automóveis colocou 28,13% a mais de automóveis de passageiros e uso misto no mercado interno, 51.184 veículos em fevereiro.

Na indústria paulista, o emprego cresceu em janeiro depois de quinze meses de queda consecutiva e vem mantendo as contratações ainda que em níveis baixos, acumulando uma taxa de emprego neste ano, até a primeira semana de março, de 0,52%. Os números para todo o País, divulgados ontem pelo Ministério do Trabalho, mostram uma elevação de 0,19% no nível de emprego do mercado formal em janeiro comparado com o mês anterior (ver página 6).

Há cinco anos não se gastava tanta energia elétrica em São Paulo. O consumo cresceu como um todo e a indústria em particular apresentou em fevereiro uma média de consumo 24% superior à de fevereiro do ano passado.

(Continua na página 3)

Juros caem e aumenta o...

por Claudia de Souza
de São Paulo

(Continuação da 1ª página)
Registra-se alta de consumo de energia elétrica industrial no Paraná, de 18,7% em fevereiro sobre o mês anterior, e no interior de São Paulo, com aumento de 19% no mesmo período (ver página 18).

Até o setor de construção civil, parado desde o primeiro Plano Collor, começa a dar os primeiros sinais de movimentação dos negócios. Empresas grandes aumentaram suas compras de material de construção e contratações de pessoal e o comércio varejista desses materiais registrou melhores vendas impulsionadas pela demanda de pequenos compradores por produtos básicos para obras e reformas.

Para os empresários, os números mostram que as vendas estão firmes mas a recuperação dos negócios não é definitiva. "Questões fundamentais, como o baixíssimo piso de poder aquisitivo da população e a falta de definição das regras econômicas, não foram resolvidas", diz o principal executivo do grupo Sadia, de alimentos, Luiz Fernando Furlan.

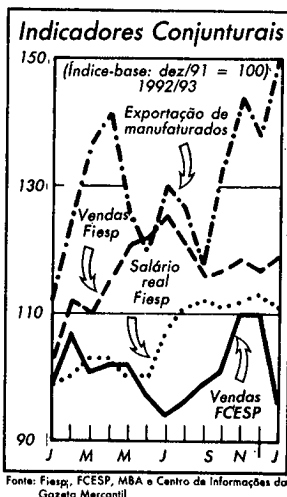
Ele diz que a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), onde ele coordena o grupo de empresas subsidiárias de multinacionais, está convencida de que a atual retomada dos negócios não é "consistente", sendo mais um movimento "espasmódico". Mas lembra que o setor de embalagens, termômetro tradicional para os industriais, apresentou aumento das vendas de caixas de papelão de 20% em janeiro e fevereiro, signifi-

cativo, ainda que a base de comparação, o mesmo período de 1992, seja muito baixa.

Na área de alimentos, o grupo Sadia, por exemplo, está prevendo um volume de vendas no mercado interno 20% mais alto em março comparado a fevereiro. Furlan não atribui esse fato à retomada econômica mas ao sobe-desce do poder aquisitivo dos consumidores, que sempre compram mais na primeira quinzena do mês. É bem verdade que as vendas de óleo de soja e salicida, por exemplo, estão firmes, mas há também fatores atípicos influenciando o mercado, como o preço elevado da arroba do boi.

O consultor José Mendonça de Barros, observador atento da economia brasileira há mais de vinte anos, está convencido de que chegou ao fim a "fase bruta" da recessão. Depois de dois anos, com mais confiança de permanecer no próprio emprego, os brasileiros voltaram a comprar como antes. Ele lembra também a significativa recuperação das exportações de bens industriais já a partir de maio como impulso inicial para os negócios (ver gráfico). Não se trata de um estouro mas de uma "reação cautelosa", que ficou evidente nas vendas do Dia da Criança, continuou pelo Natal e garantiu uma temporada forte de compras no verão e que poderá sustentar-se se não houver um recrudescimento dos preços.

Prevê-se um primeiro semestre melhor do que o de anos anteriores. Não se trata de um processo definitivo de recuperação econômica mas também é algo



mais do que uma bolha de consumo. "Esse aumento de demanda veio na medida certa", diz o ex-ministro Mailson Ferreira da Nóbrega, referindo-se à ausência de explosão, até agora, nos índices de preços.

Não parece haver, porém, muitas razões para otimismo. Dados divulgados nos últimos dias pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo já mostram fortes aumentos nos preços de veículos novos, produtos farmacêuticos e de limpeza doméstica e material de construção.

A demanda mais animada deverá sustentar-se enquanto a inflação não subir. Numa situação de inflação crônica, qualquer movimento de reposição de estoques, impulsionado por taxas reais de juro mais baixas, puxa a inflação para cima. Restam, então, duas alternativas: ou o governo aumenta os juros e freia o desenrolar do ciclo de expansão econômica ou ele põe em prática um programa de estabilização, de consequências desastrosas enquanto permanecem irresolvidas questões como a do desequilíbrio no orçamento federal.